**RESUMO EXPANDIDO EPCA 2024**

**CONSUMOS DA CIDADE DE BELÉM NO CONTEXTO DA COP30: CONTINUIDADES DE UM PROCESSO HISTÓRICO EXCLUDENTE**

**(Amanda Santos de OLIVEIRA – UFPA)[[1]](#footnote-1)**

**(Vitória Melo GALVÃO – UFPA)[[2]](#footnote-2)**

**(Manuela do Corral VIEIRA – UFPA)[[3]](#footnote-3)**

**RESUMO**

O artigo analisa a cidade de Belém, sede da COP30 no ano de 2025, e as movimentações urbanas presentes na “metrópole da Amazônia”. Compreendendo ações governamentais em consonância com o grande capital foi possível identificar que Belém do Pará permanece refém de idealizações excludentes, acabando por deixar ainda mais à margem aqueles (pessoas e ambientes) pelos quais a cidade vem sido vangloriada. Com o auxílio de notícias sobre a revitalização do Parque Gunnar Vingren, da construção do Porto Futuro II e da dragagem no Porto de Belém, foi possível notar como o evento parece estar sendo mais um capítulo em uma história que vangloria a conexão natural da cidade, sem de fato ações que demonstrem cuidado com a preservação e manutenção desses povos e ambientes.

**Palavras-chave:** Cidade. Consumo. COP30. Urbanização. Belém.

**1. INTRODUÇÃO**

Belém, localizada no norte do país, mais precisamente no estado do Pará, coabita, em um espaço natural e urbano, em que a materialidade que constitui a cidade é experienciada, vivenciada, e pode-se dizer, consumida, pelos sujeitos diariamente. Por estar situada na floresta amazônica, é importante perceber que a presença da Amazônia em Belém é parte principal para o entendimento das interações entre sujeito e espaço e dos consumos voltados para o local, seja pelos que moram ali ou não.

Ao mencionarmos o consumo no presente artigo, o pensamos como Perez (2020), em que o ato se apresenta como “um ritual de construção de vínculos de sentido pela mediação da cultura (i)material, que envolve múltiplos processos sígnicos e de natureza complexa” (Ibidem, p. 12). Ou seja, como prática que extrapola os sentidos de compra e venda, e que abarca discussões em todos os âmbitos da vida dos sujeitos, afinal, experiências, lugares, sujeitos, pensamentos, produtos, dentre outros, são suscetíveis ao consumo. Em Belém, os espaços são consumidos e esses consumos recebem influências do tempo, contexto e das narrativas que cercam a cidade, por exemplo.

O conceito de cidade, a partir das análises de Robert Park[[4]](#footnote-4) (1967, pág. 3) define esta como uma criação do homem “na tentativa de reconstruir o mundo que vive o mais próximo do seu desejo”, sendo assim, ele está condenado a viver neste mundo criado por ele mesmo e, de forma indireta, reconstruir a si mesmo. David Harvey (2012), dentro desse contexto, fala sobre “o direito à cidade”, bem como esse direito está distante de uma liberdade individual; trata-se de um direito de transformar os próprios sujeitos pela cidade, é um direito comum e um dos mais “preciosos e negligenciados direitos humanos” (pág. 74).

As observações de Park (1967) e Harvey (2012) direcionam, ainda, para outra reflexão: viver e estar na cidade é também um tipo de realização e ação políticas[[5]](#footnote-5) (Oliveira, 1982). Com o tempo, assim como designações e limites de quem era considerado cidadão se modificaram, Oliveira (Ibidem) afirma que a mudança também atinge a condição de espaço político que a cidade exerce. Neste sentido ela vem se transformando cada vez mais em um espaço cheio de disputas que dizem respeito ao interesse privado.

Inserido nesse contexto em que os interesses privados atravessam as dinâmicas sociais e políticas da grande maioria das cidades espalhadas pelo globo, inclusive a cidade de Belém, surge o contexto da COP30 (Conferência das Partes), que ocorrerá em 2025 na capital paraense. O evento direcionou os olhares para a cidade e impulsionou uma série de mudanças urbanas com o argumento de melhorarias necessárias para o evento.

Considerando que historicamente os grandes projetos na Amazônia que apresentam o discurso de “desenvolvimento”, tem se configurado como a repetição do modelo desenvolvimentista, que a faz permanecer numa condição colonial (Pereira, 2019), questiona-se: quem é realmente beneficiado pelos consumos dos espaços projetados para a COP30? E para quem são direcionados esses espaços?

Não pretendemos observar esses espaços com um olhar arquitetônico; o que o estudo propõe é observar como são direcionados os consumos, nos sentidos de trânsito, do ser, estar, permanecer nesses ambientes e, consequentemente, a relação que os indivíduos possuem com a cidade e com as origens de Belém inseridos num contexto específico: a preparação para a COP30.

Com o apoio dos referenciais teóricos da Cultura Material (Miller, 2013; Ingold, 2012), da Ambientalidade (Ribeiro, 2020), e do Consumo (Perez, 2020), o artigo propõe análises das ambientalidades, na cidade de Belém do Pará, a partir do contexto da COP30, em que as presenças, ausência e os planejamentos de futuras estruturas comunicam sobre os olhares voltados para a região e direcionam os consumos dessas ambientalidades. Questionamos se, mais do que nunca, o conceito de Amazônia é desenvolvido “no âmago e nos dilemas da moldura da civilização euroantropocêntrica” (Fraxe, Witkoski, Miguez, 2009, pág. 30).

**2. ANÁLISE E COMENTÁRIO DO CONTEÚDO**

Em dezembro de 2023, Belém foi intitulada, oficialmente, a cidade da COP30, 30ª Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas. O evento está previsto para acontecer em novembro de 2025. A partir da escolha da cidade como sede da COP30, surgem as movimentações na dinâmica política, social, econômica e espacial. Belém deve estar, até o momento do evento, aprazível dentro das expectativas de uma metrópole, agradável e confortável para grandes empresários e governantes, com espaços de sociabilidade dentro dos pressupostos de uma cidade amazônica, guiada por uma Marca – uma representação simbólica da região, institucionalizada por parâmetros socioeconômicos e culturais publicizados em escala mundial” (Amaral Filho; Castro; Costa, 2015, p. 107) – consumida em escala mundial.

A COP surge como uma conferência das Organização das Nações Unidas (ONU) para debater sobre a mudança climática. A sua importância é bem pontuada quando se fala sobre a agenda do clima, em que também se observam as abruptas mudanças que vem ocorrendo no planeta. Entretanto, mesmo a conferência criada para ser o espaço para sinalizar, debater e construir caminhos viáveis e urgentes cai em uma contradição crassa. Em retrospecto, destacamos a COP28, sediada nos Emirados Árabes, país conhecido por ser o maior produtor de petróleo do mundo, em 2023. No acordo final da conferência, foi decido uma necessidade de transição energética, porém não se tratou, na ocasião, a proposição de ações que acabassem totalmente com os combustíveis fósseis e nem ações específicas de como será feita essa transição. Em suma, o evento ficou apenas nas frases bonitas que não verão atitudes reais[[6]](#footnote-6).

Passando ao cenário de Belém, ainda não é possível saber o que será ou não feito e concretizado, dado que os projetos construídos para a cidade são muitos. Entretanto, o que já é observável é a contradição e passos atrás em obras para viabilizar melhor fluxo de transporte em detrimento a um espaço natural. No caso do presente estudo, são mencionados três exemplos: os projetos de revitalização do Parque Ecológico Municipal Gunnar Vingren, a construção do Hotel Boutique no Porto Futuro II e o projeto de dragagem do Porto de Belém para a chegada de hotelaria nos cruzeiros.

O Parque Ecológico Gunnar Vingren trata-se de uma área de proteção ambiental, localizado nos bairros da Marambaia e Val-de-Cans, administrado pela Secretaria de Meio Ambiente do Município de Belém (SEMMA). A criação do Parque, em 1991, foi uma resposta aos pedidos dos moradores da área – 44 hectares de área verde (Da Rocha Nogueira, et al., 2024). O Parque Gunnar Vingren sofreu com escassez de investimentos, recursos financeiros e a pressão pelo uso do solo para fins mercadológicos (Ibidem). Esse contexto criou um cenário propício para a tentativa de transfigurar o sentido do Parque, cujo objetivo inicial era justamente a preservação de um trecho da floresta nativa.

Em maio de 2024, o portal ((e))co[[7]](#footnote-7) denunciou uma obra[[8]](#footnote-8) que cortaria o Parque Ecológico para ampliar uma via expressa da cidade, a ação foi justificada como uma necessidade para a COP30 (para atender a demanda do público) e, mesmo sem licença para a realização da obra, foi registrada a contratação de uma empresa especializada para executar o projeto no valor de R$213 milhões[[9]](#footnote-9). O projeto já havia sido apresentado em fevereiro do mesmo ano pela então vice-governadora do Pará, Hana Ghassan. A preocupação dos moradores foi uma resposta direta ao projeto, já que efeitos também alcançaria o bairro do Benguí – existia a possibilidade de desapropriação de pelo menos quatro quarteirões do distrito.

A contradição existente no contexto de reformas em Belém é ostensiva. Em junho de 2021, a Rede Liberal[[10]](#footnote-10) sinalizou[[11]](#footnote-11) a demora na entrega de uma reforma anunciada pela Prefeitura Municipal. Avaliada em R$ 900 mil reais (dinheiro repassado pelo Governo Federal), no ano de 2021, a obra já contava com dois anos de atraso (ou seja, fora anunciada em 2019), e o prazo de doze meses estipulado pela Prefeitura, já havia vencido. Três anos depois, em junho de 2024, (contabilizam-se cinco anos de atraso), uma nova reforma no Parque Gunnar Vingren foi anunciada pela Prefeitura de Belém, dessa vez orçada em R$ 31.817.270,00 reais[[12]](#footnote-12).

A nova obra foi anunciada após a denúncia do portal ((e))co, que expôs a realização de uma reforma cujo objetivo principal era atender a demanda do público da COP30. Ou seja, a obra mais recente do Parque só foi reformulada a partir da denúncia do portal ((e))co; e o projeto denunciado pelo portal tinha como objetivo central melhorar a mobilidade no contexto da COP30 – subentende-se que ele não aconteceria se o evento não fosse realizado em Belém. A obra prometida em 2019, continua atrasada até os dias de hoje. Ou seja, a cidade que abrigará as discussões sustentáveis da COP30 é também a cidade da escassez de investimentos em áreas verdes e que se propõe a projetos que sejam apenas vitrines e justificativas para a Conferência.

O artigo também menciona o projeto Porto Futuro II e a dragagem no Porto de Belém para a chegada de cruzeiros na cidade. O Porto Futuro II foi anunciado em 2023, o espaço da obra foi cedido pela Companhia Docas do Pará (CDP) ao Governo Estadual do Pará, e abrange sete galpões, totalizando 50.000 metros quadrados. No local, além do funcionamento de atividades turísticas e culturais, há a expectativa da construção do Hotel Boutique Vila Galé, que faz questionar para quem será direcionado o consumo de espaços como o Porto Futuro II.

Cavenacci (2009) aponta que o conceito de cidade é baseado numa concepção de cidadania e produção industrial desafiados, atualmente, pelas novas formas de consumo, mas ao mencionar o consumo o antropólogo refere-se ao consumo para além das práticas mercadológicas (ainda que o englobe nesse sentido), como uma dimensão performática, em que o público é “[...] parte constitutiva da obra e que possa representar sua própria história” (Ibidem: 12). Se consideramos as performances que o Porto Futuro II abrigará futuramente, levando em consideração quem o frequentará, entenderemos que haverá uma participação exclusiva nas dinâmicas do consumo do local. Ou seja, haverá, ainda que de forma implícita, a delimitação de quem poderá realizar os consumos daquele local, bem como as performances ali existentes.

Já a dragagem do Porto facilitaria a passagem de grandes embarcações e, nos dias da COP30, abrigaria cruzeiros que serviriam também como hotelaria para autoridades políticas. Os impactos associados à técnica de dragagem incluem distúrbios físicos pela realocação de sedimentos, que, quando perturbados, entram em suspenção e atingem espécies marinhas, além dos impactos sociais na prática pesqueira, já que animais podem ser forçados a migrar para outras regiões justamente pela suspensão de resíduos antes soterrados (Bolbrini et. all, 2007). São mudanças – que irão acontecer para instalar autoridades em hotéis exclusivos – geradas a partir de um evento que deveria estar preocupado com esse cenário. McCracken (2007) afirma que ao consumirmos objetos (e espaços, no caso do artigo), consumimos também os significados e mensagens dessas coisas. Considerando a movimentação para a criação de hotéis exclusivos, vê-se que, na verdade, o que se espera da COP30 é o consumo simbólico, cultural e econômico da Amazônia, contanto que seja em hotéis boutiques – e esse consumo não converge com a mensagem apregoada pela Conferência das Nações Unidas, o de conscientização ambiental/social.

**3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No artigo, são mencionados os projetos de revitalização do Parque Ecológico Gunnar Vingren – com projetos rodeados de contradições e atrasos; a construção do Porto Futuro II – que apesar de oferecer ao público um novo espaço de convivência em Belém, também delimita os usos e frequentadores implicitamente; e a proposta de dragagem do Porto de Belém para a chegada de cruzeiros – que, além de transporte, serviriam como hotelaria a representantes políticos no evento, mas que traz impactos num determinado ambiente (e o entorno dele) e que tem como único motivador a Conferência das Nações Unidas.

Ao encararmos cidade como espaço de direito do cidadão (Park, 1967; Harvey, 2012), é evidente quais políticas estão à frente na corrida da transformação e concretização da metrópole da Amazônia quando os espaços se tornam excludentes e visam dar preferência apenas para um definido grupo social com mais “poder” simbólico e capital, dessa forma nem todos os sujeitos são considerados cidadãos se determinados grupos (minoritários) são excluídos. Se a cidade é espaço político coletivo e é também designação de quem é cidadão (Oliveira, 1982) conforme as mudanças socioespaciais excludentes vão ocorrendo pessoas que não corroboram ao “ideal urbano” são ainda mais afastados desses locais.

 Não classificamos a 30º Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas como maléfica ao espaço de Belém. Também não totalizaremos como negativas as construções e modificações que acontecem na cidade durante o período pré-COP. A partir da análise dos materiais jornalísticos, questionamos as motivações das materialidades planejadas/projetadas e para quem são direcionados os consumos desses espaços. Acreditamos que a amplitude do debate se estende ao artigo, e que moradores da Amazônia devem ser escutados agora, durante e depois da COP30.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

‌CANEVACCI, Massimo. Comunicação entre corpos e metrópoles. **Signos do Consumo**, v. 1, n. 1, p. 8-20, 2009

.

**COP 28: veja por que acordo histórico tem lado positivo, mas saldo ainda é negativo na luta contra crise do clima**. Disponível em: <https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2023/12/13/cop-28-entenda-os-principais-pontos-do-acordo-final.ghtml>.

DE, B. **Prefeitura assina OS para início das obras de reforma do Parque Ambiental Gunnar Vingren**. Disponível em: <https://agenciabelem.com.br/Pauta/39844/prefeitura-assina-os-para-inicio-das-obras-de-reforma-do-parque-ambiental-gunnar-vingren>. Acesso em: 23 set. 2024.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto; WITKOSKI, Antônio Carlos; MIGUEZ, Samia Feitosa. O ser da Amazônia: identidade e invisibilidade. **Ciência e Cultura**, v. 61, n. 3, p. 30-32, 2009.

HARVEY, David. O direito à cidade. **Lutas Sociais**, n. 29, p. 73–89, 19 dez. 2012.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais**. Horizontes Antropológicos**, n. 37, p. 25-44, 2012.

MILLER, Daniel. (2013). **Trecos, troços e coisas**. Rio de Janeiro: Zahar.

OLIVEIRA, Francisco de. O Estado e o urbano no Brasil. **Espaço e Debates**, v. 2, n. 6, p. 36-54, 1982.

PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. **O fenômeno urbano**, v. 4, p. 26-67, 1967.

PEREZ, Clotilde. **Há limites para o consumo?**. Estação das Letras e Cores Editora, 2020.

PEREIRA, Sara. A INFLUÊNCIA DE GRANDES PROJETOS DESENVOLVIMENTISTAS NA DINÂMICA URBANA DE SANTARÉM COMO AMEAÇA AO BEM VIVER DE SEUS POVOS. Em: **Cidades e Bem Viver na Amazônia**. [s.l.] Universidade Federal do Oeste do Pará, 2019.

‌PINHEIRO, K. **Após repercussão, obra que cortaria parque municipal em Belém é suspensa - ((o))eco**. Disponível em: <https://oeco.org.br/noticias/apos-repercussao-obra-que-cortaria-parque-municipal-em-belem-e-suspensa/>. Acesso em: 23 set. 2024.

PINHEIRO, K. **Obra para desafogar trânsito em Belém na COP30 vai rasgar parque municipal - ((o))eco**. Disponível em: <https://oeco.org.br/reportagens/obra-para-desafogar-transito-em-belem-na-cop30-vai-rasgar-parque-municipal//>. Acesso em: 23 set. 2024.

AMARAL FILHO, O.; CASTRO, F. F.; COSTA, A. C. S. Marca Amazônia: estratégias de comunicação publicitária, ambientalismo e sustentabilidade. **Revista Comunicação Midiática**, Bauru, SP, v. 10, n. 3, p. 105-118, 2015.

MCCRACKEN, G. Cultura e consumo: uma explicação teórica da estrutura e do movimento do significado cultural dos bens de consumo. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 99-115, 2007.

1. Graduanda em Comunicação Social – Jornalismo, estuda consumo e cultura material na comunicação. *E-mail*: amsantosd@gmail.com. [↑](#footnote-ref-1)
2. Graduanda em comunicação Social – Jornalismo, estuda consumo e sustentabilidade. *E-mail*: vitoria.galvao@ilc.ufpa.br. [↑](#footnote-ref-2)
3. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCom) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Líder do Grupo de Pesquisa Comunicação, Consumo e Identidade – Consia (CNPq/UFPA). *E-mail*: manuelacorralv@yahoo.com.br. [↑](#footnote-ref-3)
4. Sociólogo estadunidense reconhecido por estudar questões como raça, nacionalidades, movimentos sociais e questões relacionadas ao espaço urbano. [↑](#footnote-ref-4)
5. Mesmo que não nos tenhamos proposto analisar profundamente os limites epistemológicos idealizados para designar as cidades, sabemos, por exemplo, que a própria palavra “política” é derivada do grego “politikos”, que nomeava os cidadãos que viviam na pólis – sendo esta, justamente, o que encaramos por cidade atualmente. [↑](#footnote-ref-5)
6. Ver mais em: <https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2023/12/13/cop-28-entenda-os-principais-pontos-do-acordo-final.ghtml> . Acesso em: 04 de jun. de 2024 [↑](#footnote-ref-6)
7. Portal sem fim lucrativo que visa informar e prestar serviços para comunicar os esforços (e também ataques) de conservação da fauna e flora do país. Ver mais em: <https://oeco.org.br/quem-somos/>. [↑](#footnote-ref-7)
8. Ver mais em: <https://oeco.org.br/reportagens/obra-para-desafogar-transito-em-belem-na-cop30-vai-rasgar-parque-municipal//> [↑](#footnote-ref-8)
9. Ver mais em: <https://oeco.org.br/noticias/apos-repercussao-obra-que-cortaria-parque-municipal-em-belem-e-suspensa/>. [↑](#footnote-ref-9)
10. Afiliada da TV Globo em Belém [↑](#footnote-ref-10)
11. Ver mais em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2021/07/21/reforma-do-parque-gunnar-vingren-em-belem-nao-sai-do-papel-ha-dois-anos.ghtml>. [↑](#footnote-ref-11)
12. Ver mais em: <https://agenciabelem.com.br/Pauta/39844/prefeitura-assina-os-para-inicio-das-obras-de-reforma-do-parque-ambiental-gunnar-vingren>. [↑](#footnote-ref-12)